

JOSUÉ SOARES FLORES

CAXIAS DO SUL-RS
Fevereiro de 2008

Liturgia na IEAB.

A partir do estudo do desenvolvimento e história da liturgia na Inglaterra, especialmente o século da Reforma Inglesa [séc. XVI], é perceptível notar que o clero inglês deu preferência a uma reforma muito mais litúrgica, que propriamente no campo das estruturas institucionais e canônicas. A Reforma Inglesa aos poucos foi devolvendo ao povo, a possibilidade da participação inteligível e ativa no contexto da missa e outros ofícios¹. A partir de 1.534 já é ouvida a leitura bíblica em inglês, fruto do trabalho de reformadores como Tyndale, Wycliff e Coverdale que através de princípios reformados, entenderam a importância da compreensão lingüística na liturgia. Em 1.548 os leigos novamente participam do cálice da Eucaristia², que em séculos de medievalismo, era apenas uso de contemplação da piedade cristã eucarística. Participar da Eucaristia nas duas espécies por simples que pareça, já é uma postura teologicamente de vanguarda dentro do contexto sócio-econômico, pois amplia o privilégio que era apenas de alguns “notórios” leigos, para toda a comunidade. É importante também lembrarmos de que neste mesmo século (1.549) é publicado o 1º. Livro de Oração Comum³ contendo em sua base, as liturgias de mais destaque, exceto o Ordinal que foi publicado posteriormente e separadamente. É sabido que em toda a Idade Média, os leigos continham apenas o ‘Primer’, que eram coletâneas de devoções e orações da piedade popular, que rezavam durante a Missa Latina. Assim, entendemos que não somente lhes foi devolvida a liturgia, eliminando o monopólio de uso dos livros e manuais que estavam à disposição do clero profissional, mas também se conquistou o espaço durante ‘TODA’ a liturgia para que o leigo participasse em seu próprio idioma⁴. Segundo D. Sumiu Takatsu⁵, um dos princípios básicos que orientaram Thomas Cranmer à confecção do Livro de Oração Comum foi à acessibilidade por parte de todo o povo dos ritos da Igreja em um livro apenas. É sabido que neste período existiam vários manuais/livros para a orientação do clero para a liturgia, assim a simplificação não somente da liturgia, mas também da quantidade de manuais, permitiu maior acessibilidade do povo. D. Sebastião Gameleira também nos chama a atenção ao fato de que as orações recitadas são instrumentos de democratização da participação na Liturgia da Igreja⁶. Segundo ele, todos podem participar independentemente de seu nível sócio-cultural, não monopolizando apenas aos mais retóricos ou eloqüentes.

¹ A transmissão do ensino, Palavra e culto na tradição sub-apostólica considera o fato da diversidade lingüística entre os povos. No texto “Peregrinação aos Santos Lugares”, atribuído a Eteria, texto escrito em fins do séc. IV, afirma que em determinada província que se falava grego e siríaco, o bispo que fazia a oblação, ainda que falasse siríaco, sempre faz em grego, entretanto um presbítero traduz para o siríaco para que o povo sempre aprenda. Cf. ETERIA. ‘Peregrinação aos Santos Lugares’. In. “Textos Eucarísticos Primitivos”. Madri: La editorial Católica. p. 698, 1952.

² cf. ‘Elaboração do Livro de Oração Inglês’. Porto Alegre: SETEK, apostila, 1994.

³ É bom lembrar, que embora tenhamos o Livro de Oração Comum como uma fonte primária da Liturgia Anglicana, e que foi um marco para todo o processo hoje chamado de ‘inculturação’; o LOC também representou em sua origem uma uniformização da Liturgia na Inglaterra. Ao criticarmos a uniformização imposta pela Sé Romana, acabando com todos os vestígios definitivamente autóctones da liturgia inglesa, gerada pela espiritualidade cristã-celta, por uma liturgia Latina comum a toda Europa Medieval, o surgimento do LOC também nos permite acrescentar a mesma observação, visto que neste período já existiam os chamados “Usos”, que se tratavam de ‘adaptações’ regionais do Rito Latino com algumas variações. cf. ILLARZE, Enrique. “As funções litúrgicas das ordens sagradas ao longo da história”. In: Revista Inclusividade, ano III, nº. 9, 2004.

⁴ cf. MARASCHIN, Jaci. ‘A Renovação da liturgia na América Latina’. In: “Beleza da Santidade”. São Paulo: ASTE, cap. 2, p. 48, 1996.

⁵ TAKATSU, Sumiu. ‘Breve História da Liturgia Anglicana (de 1549 a 1995)’. São Paulo: IAET, p. 02, 2000.

⁶ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. ‘Preciosas Lições (meditação sobre o Livro de Oração Comum)’. Recife: SAET, 2000.

Jaci Maraschin⁷, por outro lado, nos lembra que a liturgia anglicana por si só exige que seus fiéis sejam alfabetizados, e critica o fato de que na inserção do anglicanismo no Brasil e de forma geral na América Latina, desconsiderou completamente às naturezas sociais, econômicas e políticas de nossa realidade, tornando-se assim em uma religião altamente burguesa. Então, o fato de que todo o esforço dos reformadores do séc. XVI, em traduzir a liturgia para a linguagem do povo, devolvendo o lugar da liturgia para a adoração pública, em nosso contexto de século XIX não foi contemplado, apesar da erudição dos missionários que aqui vieram. Então, Maraschin sobre as preocupações contemporâneas concernentes à participação equilibrada do clero e povo na liturgia faz duas observações às quais ele denomina de “clericalização dos leigos” e “laicização do clero”. Para a primeira, a reprodução hierárquica e centralizadora predomina e para a segunda, uma anomalia de crise de identidade do papel de cada um dentro do espaço litúrgico. Nesse sentido ele indica para uma “redescoberta” dos carismas da Igreja.⁸

“The fact that the liturgy contains an offertory procession and that two laymen carry the bread and wine to the altar means very little outwardly. It is certainly no guarantee of lay participation in the eucharist. It is the symbolism of this outward action which we must press. The visible action of the procession must be a symbol of the real action of the people outside the eucharist, acting as the agents of Christ's love in the world.”⁹

A noção de que liturgia é profundamente e essencialmente linguagem simbólica, é recuperada por Shands nessa citação, que trata da impressão que a participação leiga na eucaristia deve proporcionar em termos de participação do ministério cristão no mundo. Esse envolvimento está intimamente associado ao papel missionário da comunidade e a expressão de culto e adoração de seu comprometimento com o amor de Cristo aos necessitados. Então, sobre o quadro atual de nossa IEAB, apesar da riqueza histórica de luta pela participação equilibrada de todos no contexto da adoração pública no anglicanismo, nossa realidade, ainda que não absoluta, pois existem pequenos “focos” onde a resistência pela centralidade e hegemonia do clero persiste, as comunidades não têm consciência de seu papel protagonista, executor e criativo dentro do processo litúrgico. Configura-se um quadro de apatia geral, primeiro porque consciente ou inconsciente o clero resiste a esta participação alegando o baixo nível de instrução dos leigos (mesmo assim, não se desafiam a gerar um espaço de formação litúrgica e teológica), em outro nível, os leigos que já se acomodaram à sombra de gerações sucessivas de “macunaimanismo” (perdendo a dimensão profética e celebrativa, conformando-se com mero ritualismo), e também não podemos isentar as poucas investidas provinciais ou “institucionais” para fomento dessas graves falhas do processo de Educação Cristã.

Inculturação e participação.

Inculturação é o processo antropológico que se dá de transporte de sistemas de pensamentos (cognitivos), ideológicos (filosóficos), econômicos e culturais para outra realidade que não a do sujeito tendo como base desse transporte a ‘relativização’ de conceitos (seguindo a flexibilização daquilo que não é essencial), a ‘alteridade’ entre o *eu* e o *tu* (reconhecendo a diferença – o “outro”). Alguns liturgistas apontam para a necessidade primária da *adaptação*. Ou seja, antes do processo da inculturação, há uma acomodação do sistema-em-si em um sistema diverso, sem a preocupação da eficácia daquilo que está sendo comunicado. Entretanto, esse quadro de indiferença também pode expressar o ‘etnocentrismo’ típico de culturas pretensiosas e “civilizadas”.

⁷ *Op. Cit.* p. 51.

⁸ cf. MARASCHIN, Jaci. ‘A Renovação da liturgia na América Latina’. In: “Beleza da Santidade”. São Paulo: ASTE, cap. 2, p. 55, 1996.

⁹ SHANDS, Alfred. “The Liturgical Movement and the Local Church”. New York: Morehouse-Barlow Co. p. 106, 1966.

O Rev. Francisco de Assis da Silva, em seu texto *“Evolução dos Livros de Oração Comum”*, afirma que quando a Igreja anglicana foi implantada no Brasil, houve apenas uma tradução do LOC americano. Após quase um século de implantação da Igreja Anglicana no Brasil, o autor afirma que a base do LOC brasileiro ainda é fundamentado na estrutura do LOC americano e destaca que a única contribuição autóctone foi a do Rito batismal¹⁰.

Os liturgistas fazem a analogia teológica do processo de inculturação com a doutrina da *encarnação*. Nesse sentido apontam que para a *“Renovação Litúrgica”*¹¹ devemos nos guiar pelo próprio processo de absorção cultural de Jesus e a transmissão do Evangelho a partir de elementos, veículos e canais da cultura judaica. A discussão sobre a periferia da mensagem de Jesus na Igreja primitiva já era discutida no período apostólico com os judaizantes e os universalistas. Sobre isso, Maraschin afirma que os missionários americanos confundiram o *american way of life* com a própria essência do cristianismo¹². Não podemos confundir fé com cultura, entretanto também não podemos desvincular uma da outra¹³. Esse é o risco missionário de entender-se como *“superior”* ao evangelizado. De forma geral, a evangelização da América Latina foi marcada por todo processo de *‘etnocentrismo’* que culminou na destruição de centenas de culturas autóctones, no genocídio de milhares de pessoas tidas como *‘inferiores’* e na reprodução de uma sociedade já marcada por milhares de conflitos não resolvidos. Assim, o conteúdo do trabalho missionário é marcado por um forte apego às formas e às práticas externas, sem qualquer esforço crítico de superá-las. Maraschin chama a isto de *“transplante acrítico”*. Veja a citação abaixo do pastor luterano Senn:

“The difficulty we experience of intentionally adapting or inculturating the liturgy in new cultural contexts (as opposed to unwittingly doing so) is a testimony to the fact that all liturgical rites are vested in cultural expressions that have become sacralized. Sacralization of cultural expressions occurs not just because of repeated use over a long period of time but because the meanings inherent in the liturgical rites are intertwined with original cultural contexts. I will further suggest that the responsibility to treat with respect the historical cultural contexts of Christian liturgy is a reflection of the doctrine of the incarnation.”¹⁴

Para a chamada *“renovação litúrgica”*, Maraschin afirma que antes de se ter uma liturgia que seja expressão do povo, deve se ter uma Teologia do povo. O esforço anglicano em tecer essa Teologia a partir da doutrina da Encarnação tem sido fundamental para a *“renovação”* que se espera, e que não pode ser entendida como identificação com a cultura, mas como interferência¹⁵, resultando numa síntese dialética natural entre tradição e renovação. Já D. Sumiu tem uma visão mais equilibrada e menos eufórica sobre a problemática da inculturação. Ele afirma que *“É preciso levar em consideração as preocupações pastorais. A integridade cultural deve ser respeitada. A tradição deve ser consultada, e a catolicidade, preservada”*.¹⁶ Entretanto o mesmo afirma ainda: *“A inculturação da Igreja, de sua fé, liturgia e disciplina é necessária para a*

¹⁰ SILVA, Francisco de Assis da. *‘Evolução dos Livros de Oração Comum’*. In: Revista Reflexões. Porto Alegre: Centro de Estudos Anglicanos, n.º. 6, p. 06, 1990.

¹¹ Sobre isso é importante o estudo do *‘Documento de Londrina’*, aprovado pelo 1.º. Simpósio de Teologia Anglicana no Brasil em 2004. Em suas *‘Recomendações’* o documento sugere no §20 que *“a comissão de liturgia da IEAB busque em seu trabalho de ampliação do LOC Brasileiro, estimular a criação e inclusão de novos ritos marcadamente comprometidos com diversos aspectos da cultura brasileira”*. *‘Documento de Londrina’*. In: Revista Inclusividade, n.º. 9, ano III, p. 90, 2004. Também na mesma temática, o Encontro do Panamá em suas recomendações sugere no §28 que: *“Debemos de abrir la iglesia, nuestra liturgia deve reflejar la vida del pueblo y su sufrimiento”*. E no §40: *“Promover la expresión autóctona de la liturgia y rescatar lo autóctono de la música”*. *‘Conclusiones, desafíos y recomendaciones generales’*. In: *“La Globalización y sus implicaciones en América Latina: Un desafío para la Iglesia Episcopal Anglicana”*. Panamá: CETALC, p. 225ss., 2005.

¹² MARASCHIN, Jaci. *‘A Renovação da liturgia na América Latina’*. In: *‘Beleza da Santidade’*. São Paulo: ASTE, cap. 2, p. 49, 1996.

¹³ O rev. D. G. Vergara dos Santos afirmou que o culto cristão não pode desvincular-se da cultura sob o pretexto de fidelidade à Fé. Essa é uma forte crítica que se alinha com o pensamento do teólogo Maraschin. A confusão do culto com o *jeito de ser americano* criou uma cultura religiosa desvinculada da cultura em que estava dialogando diretamente, mantendo sua fidelidade não a fé, mas a todo um projeto ideológico e cultural subjacente. cf. SANTOS, D. G. Vergara dos. *‘Culto e Cultura’*. In: Simpósio. São Paulo: ASTE, n.º. 11, p. 31, 1973.

¹⁴ SENN, Frank C. *‘New Creation (a liturgical worldview)’*. Minneapolis: Fortress Press, p. 121, 2000.

¹⁵ Sobre isso, Maraschin fala sobre uma forma cultural renovada, ou seja, a própria cultura *‘receptora’* sintetiza, absorve e se configura novamente a partir das novas informações recebidas dentro de uma linguagem sintetizada e não transplantada. cf. *Op. Cit.* p. 60.

¹⁶ TAKATSU, Sumiu. *‘Breve História da Liturgia Anglicana (de 1549 a 1995)’*. São Paulo: IAET, p. 15, 2000.

*integridade e relevância da missão e pastoral.*¹⁷ Falando sobre a intenção da Tradição na preocupação contemporânea, o Rev. D. G. Vergara dos Santos afirma que *“o que se busca é o sentido das coisas e das tradições para o ‘hic et nunc’.*¹⁸, ou melhor traduzindo, para o “aqui e agora”. Empunhando a bandeira de muitas vanguardas, muitos movimentos dentro da igreja acabaram por vês jogando a “água suja” e o “bebê” juntamente, e invertendo o erro dos missionários: criando algo completamente deformado daquilo que é anglicano, da tradição católica da Igreja Cristã. Por isso mesmo D. Sebastião afirma que dos princípios que recebemos do Livro de Oração Comum, precisamos preservar o binômio “Herança e Inculturação”¹⁹. Parte daquilo que recebemos de nossos ancestrais como expressão genuína de adoração a Deus e novas respostas que devem ser dadas à sociedade no momento em que vivemos.

*“Apesar de nossa pequenez, penso que Deus nos está chamando a responder a esta vocação: não deixar perder-se a preciosa herança católica da experiência cristã, mas, ao mesmo tempo, acolher os fermentos proféticos que se acham espalhados desde a Reforma, encarnando-nos no contexto urbano de hoje e levando em conta nossas raízes culturais.”*²⁰

A citação acima, do texto de D. Sebastião, proferida na ocasião do Encontro do Panamá patrocinado pela CETALC, traz para nosso contexto Latino-americano o mesmo desafio pela Província Brasileira também encontrada. A identificação com as raízes, com as matrizes culturais de nosso povo. Essa problemática gerada por toda herança colonialista inglesa e depois pela ideologia do “Destino Manifesto” norte-americana, fez com que o anglicanismo tornara em um corpo estranho, ainda não absorvido pelo ambiente cultural. Na Conferência de Lambeth 98, já esta preocupação, motivada pela multi-culturalidade do próprio evento, insiste na Resolução III.14 que cada província procure os melhores meios para essa inculturação desejada para a adoração²¹. Nesse sentido, devemos caminhar na perspectiva da criatividade litúrgica²², que se inspire no LOC mas que o transcenda, de forma a darmos continuidade ao processo de reforma iniciado por Cranmer.

*“The book of Common prayer is primarily neither a sacred text to be worshiped nor a codification of laws binding the worshipping community, but a script for the celebration of the divine drama of salvation in which all have their part.”*²³

A citação do prof. Mitchell corrobora com a concepção de criatividade litúrgica a qual estamos afirmando. O LOC deveria ser na prática muito mais um ‘roteiro’ para nossa adoração, que um cânon congelado, rígido e frio. Esse é o fundamentalismo do qual precisamos vencer, o fundamentalismo do LOC, também chamados por alguns de ‘rubricismo’.

Aspecto valorativo na liturgia da IEAB.

¹⁷ TAKATSU, Sumiu. ‘Inculturação no Novo Testamento’. In: “Inculturação e Sincretismo”. Brasília: CONIC/IEPG, p. 8, 1995.

¹⁸ SANTOS, D. G. Vergara dos. “Culto e Cultura”. In: Simpósio. São Paulo: ASTE, nº. 11, p. 30, 1973.

¹⁹ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. ‘Preciosas Lições (meditação sobre o Livro de Oração Comum)’. Recife: SAET, 2000.

²⁰ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. “Globalização e desafios à Comunhão Anglicana na América Latina e no Caribe”. In: Revista Inclusividade, ano VI, nº. 14, p. 142, 2007.

²¹ cf. “Resoluções da Conferência de Lambeth 1998”. In: Reflexões, Porto Alegre: IEAB/CEA, nº. 08, p. 20, 2000.

²² Estamos utilizando aqui o conceito de “Criatividade Litúrgica” proposto por Anscar J. Chupungco que assim a define: “entendemos que os novos textos litúrgicos são compostos independentemente da estrutura tradicional do eucolégio romano.” cf. CHUPUNGCO, Anscar J. “Liturgias do Futuro”. São Paulo: Paulinas, p. 44, 1992. Entretanto nossa abordagem sobre a criatividade tão pouco se expressa na atitude de desprezar por assim dizer o “eucolégio anglicano”, mas inspirar-se por ele mesmo transpondo mesmo a sacralidade que envolve o LOC para construção de um livro que expresse a *oração comum*.

²³ MITCHELL, Leonel L. ‘Liturgy and Theology’. In: A New Conversation (Essays on the future of theology and the Episcopal Church). New York: Church, p. 82, 1999.

- i) **Devoção Eucarística:** umas das diferenças importantes de ser mencionada da IEAB concernente às demais igrejas protestantes, históricas e outras é a devoção que o anglicano tem sobre o aspecto eucarístico. O início do cânon já é salutar observarmos a diferença de postura corporal, a imersão na dimensão anamnética, e a devoção na recepção dos elementos consagrados. Mesmo o anglicanismo tendo uma posição bastante ampla sobre o sacramento quanto à *trans* ou *com* – substanciação, a comunhão exerce fundamental elo de ligação do universo profano ao sagrado na liturgia anglicana. Diferentemente em outras igrejas, a comunhão ou Santa Ceia é vista meramente como ritual a ser seguido. Mesmo àquelas que fazem apenas uma vez ao mês, não desenvolvem, na espiritualidade e devoção dos seus membros, a reverência ao bendito sacramento. Por isso podemos entender que para estas igrejas, o sacramento eucarístico não é tão importante que é realizado apenas uma vez ao mês, mas é tão menos importante que apenas se faz uma vez ao mês.
- ii) **Reconciliação:** o anglicano em sua participação nos serviços litúrgicos, conscientemente reclina toda sua vida diante do mistério penitencial da reconciliação com Deus. De especial importância, e ironicamente de influência puritana no LOC, tanto o Decálogo, quanto o Sumário da Lei, o Kyrie e a Confissão/Absolvição são marcar intrínsecas de um *ethos* marcado pelo encontro de sua real natureza. Não somente isto, mas a Oração de Humilde Acesso, as Intercessões e Lítania também expressam seu interesse na realidade humana espiritual e material. Em outras tradições, influenciadas pela Teologia da Graça e mais ainda agora pela Teologia da Prosperidade, há um “empoderamento” acrítico e catártico. As pessoas não são mais colocadas em sua devida condição existencial, mas são ‘ficticiamente’ elevadas a um padrão celestial alienante, o que as faz “exigir” e “reivindicar” algo para Deus, menos o perdão por suas faltas.
- iii) **Acolhida:** é natural do *ethos* anglicano, e aqui estamos incluindo na liturgia mesmo os aspectos não-impressos; uma boa acolhida. Em um universo de relações sociais em que cada vez mais as pessoas prezam por suas individualidades, a singela acolhida, não proselitista, não investigativa, e não sufocante, traz certa “liberdade” de trânsito para àqueles que apenas desejam rezar indiscriminadamente. Entretanto há uma acolhida muito especial entre os anglicanos que é a realizada no ato da Confirmação ou recepção à comunhão anglicana. Nossa experiência é que todos que passam por esse ritual, sentem a vibração comunitária ao receber um novo membro. Essa acolhida não é a costumeira dominical, ou àquela que fazemos aos visitantes, mas uma acolhida ao grupo que traça legitimamente o momento em que nasce o sentimento de pertença.
- iv) **Simbolismo:** o universo imaginário do anglicano é composto por imagens, ícones, símbolos que nos remetem a uma dimensão escatológica, soteriológica e proléptica. Eles estão em todas as relações no interior do templo, desde a ornamentação, vestes, como também na oração e sacramento. Os símbolos são fortes agentes de transporte de mensagens não-faladas, não-explicadas mas compreendidas através dos sentidos. Nas igrejas protestantes, o zwinglianismo impera de forma a atrelar ao símbolo a noção de ídolo. Assim, as igrejas são desprovidas de qualquer reminiscência da rica tradição cristã, sendo que o clero simbolicamente nos lembram executivos com suas gravatas que ministros de N. Sr. Jesus Cristo. Seus símbolos são “outros”.

Dificuldades litúrgicas na IEAB.

- i) **Música:** a IEAB é uma das igrejas mais “pobres” musicalmente. Na maior parte das comunidades, mal temos um organista, que no imaginário coletivo é o instrumento musical canônico. Se nem isso temos, quanto mais um grupo de música. Outro item importante é que nossos meios musicais também são já desprovidos de eficácia como outrora foram. O hinário diz

claramente em seu prefácio que é apenas uma obra prévia, sem pretensão de ser completa, suficiente e eterna. Entretanto envolvemo-o de um véu sagrado tornando-o intocável. Os demais cancioneiros, em sua quase totalidade, trazem uma hinologia ecumênica, que muito nos agrada, outra parte, de outras denominações (com Teologias de péssimo empenho crítico) e nada ou quase-nada daquilo que é expressão religiosa do povo brasileiro como a MPB. Essa falha é fruto de todo um processo maior de educação musical e cultura litúrgica em nossas comunidades. Os poucos, quase escassos materiais fonográficos que dispomos, não são distribuídos ou absorvidos pela província num todo e trazem uma concepção artística que não contempla em muitos casos o caráter congregacional dos cantos, mas apenas estética. Os corais se contentam em reproduzir sempre os mesmos repertórios, nada de novo, especialmente nada de brasileiro.

- ii) **Material:** é salutar que sempre em festivais ou datas importantes do calendário litúrgico, não temos materiais específicos de fácil alcance. Semana Santa, as festas de N. Sr., festas marianas, cinzas, entre tantas outras ocasiões, precisamos correr a formas muito alternativas de rito, que ainda são meras traduções e compilações de outros ritos. Além de que nestas circunstâncias também fica muito mais à mercê da criatividade do oficiante que da orientação normativa da Igreja. Os hinos apropriados para essas ocasiões em muitas circunstâncias precisam ser retirados de outros lugares que não o hinário ou os cancioneiros autorizados, pela inexistência de algo próprio ou mesmo pela limitação do que tem.
- iii) **Envolvimento:** criticamos o fato de que a liturgia é centralizada na figura do clero, entretanto ainda quando os leigos são convidados para participar, não desejam, demonstrando constrangimento, despreparo e até desprezo. É muito comum recorrermos às mesmas pessoas sempre para ocasiões como leitura bíblica, acólito, intercessão, procissão, etc. Nesse sentido, nossos irmãos leigos ainda não entenderam seu papel de protagonista na liturgia e em muitos lugares, a preocupação de envolvê-los é apenas do clero. Dom Egmont Krischke já alertava dizendo: *“Que podemos esperar do seu devotamento, compreensão e liderança, enquanto não tiverem mais ampla noção da natureza do culto, da história e da doutrina da sua Comunhão religiosa?”*²⁴ Para ele, o envolvimento laico está relacionado intrinsecamente com o grau de compreensão que o leigo faz de sua própria expressão religiosa. Por outro lado, também temos àqueles que já se consideram “donos” daquilo que fazem. São àqueles que já se auto-canonizaram em determinados assuntos. A dificuldade de incluir mais gente para a mesma tarefa é maior do que acabar com o ministério em questão. Talvez para determinadas ocasiões seja necessário à eutanásia litúrgica, simplesmente “enterrar” àquilo que já morreu.

Liturgia e missão.

A liturgia, de forma não-formal, mas consciente, encarna princípios ideológicos da Teologia que determinado grupo [especialmente o que manipula os símbolos e a relação com o sagrado] tem em relação ao contexto em que se está inserido. Sobre isso Maraschin afirma:

*“O anglicanismo desenvolveu-se, não apenas no Brasil mas também em outros países, como se fora mera seita evangélica, incapaz de dialogar com a cultura local e distante da história de nossos povos. [...] A liturgia trazida para a América Latina queria se afirmar pela via negativa. Queria ser não-romana. Com isso acabava sendo não-católica. Abandonava o que de melhor havia na tradição da igreja universal para se apegar à tradição menor dos missionários...”*²⁵

²⁴ KRISCHKE, Egmont Machado. “Crise e Renovação”. Porto Alegre: Ecclesia, p. 77, s/d.

²⁵ MARASCHIN, Jaci. ‘A Renovação da liturgia na América Latina’. In: “Beleza da Santidade”. São Paulo: ASTE, cap. 2, p. 49, 1996.

Essa citação reflete muito claramente o contexto ideológico que norteava a ação missionária dos pioneiros anglicanos no Brasil. A (des)construção da identidade anglicana à partir da identidade católica, ao julgamento deles era o melhor marketing, pois atingia os descontentes com o quadro religioso da época, entretanto o custo era muito alto, e via de regra, ainda estamos pagando por ele. Não precisamos ir muito longe para ouvirmos certas “lembranças” (especialmente dos mais veteranos) daquilo que é e não é anglicano. A inserção de qualquer outro elemento é novidade para uma realidade que passou pelo trauma kenótico de sua própria identidade existencial. Assim, a liturgia anglicana no Brasil, ainda que não reflita uma preocupação insistente na missão, senão no próprio fundamentalismo da rubrica, é marcada pelo projeto missionário dos pioneiros. Desta forma, a primeira afirmação que podemos fazer a partir disso é que a liturgia tem forte ligação com a proposta de “imagem”, a proposta “publicitária” à qual a Igreja faz de si mesma.

Em outro trecho, o teólogo Maraschin afirma que: “[...] o anglicanismo, afinal, não se dirigia ao povo, mas às elites.”²⁶ Essa crítica refere-se ao processo de acomodação das liturgias estrangeiras e também a não exigência de uma inculturação do padrão litúrgico, visto que no séc. XIX, uma pequena parcela da população brasileira tinha acesso à educação e era por assim dizer alfabetizada. O que ocorre é que no projeto acrítico dos pioneiros, não se levou em conta em nenhum momento o fato de que o culto precisava ser “popularizado”, “reformado” mais uma vez como Cranmer no séc. XVI fez. Entretanto, o projeto missionário está muito mais fortemente marcado pelo interesse com as elites comerciais e urbanas no Brasil²⁷. Ainda nesse período, é possível perceber que 80% da população concentrava-se no campo, era de economia essencialmente agrária. Entretanto, o anglicanismo visivelmente em seu processo de implantação de igreja, não optou pela via popular, ou melhor dizendo, por onde as massas realmente estavam.

Já na década de 60, D. Egmont Krischke exortava a então Igreja Episcopal Brasileira de sua religiosidade meramente intelectual, dizendo que tanto teologicamente quanto biblicamente era errôneo, mas essencialmente porque tal religiosidade não apelaria para a “alma do nosso povo”. O contexto de sua crítica está relacionado ao enorme crescimento das seitas pentecostais e do culto afro-brasileiro, que encarnando nas matrizes populares na cultura brasileira, cresciam e via de regra ainda hoje são as religiões que mais crescem no Brasil²⁸.

*“Entendo que nos tem faltado uma teologia da missão que leve em consideração o caráter comunitário da vida da Igreja. A Igreja é missão enquanto corpo de Cristo, na sua totalidade, e não apenas enquanto sociedade missionária ou programa especial de evangelização. Quando se considera a missão como mero programa que se pode ou não adotar, ao lado de outras atividades eclesiais, a tarefa missionária passa a ser privilégio de especialistas, e não expressão da totalidade da vida da Igreja.”*²⁹

O fato de que a missão está ligada viceralmente a vida da própria igreja em sua totalidade, e não a programas como muito bem citado por Maraschin, fatalmente concluímos igualmente a ele que somente haverá uma “renovação litúrgica” quando for possível também uma renovação da nossa teologia da missão³⁰. Por isso, o processo de Educação Cristã é fundamental no projeto estrutural da Igreja enquanto comunidade, mas também enquanto instituição. Hoje temos muito claro qual foi o projeto missionário pelo qual somos uma igreja no Brasil, entretanto também temos consciência dos inumeráveis equívocos,

²⁶ MARASCHIN, Jaci. ‘A Renovação da liturgia na América Latina’. In: “Beleza da Santidade”. São Paulo: ASTE, cap. 2, p. 51, 1996.

²⁷ Para D. Sebastião, uma Liturgia plenamente inculturada é politicamente revolucionária, pois não se submete aos modelos de dominação cultural existentes, e tem como base e sujeito histórico da transformação o “povo” que se manifesta a partir do seu “modo de ser”. cf. SOARES, Sebastião Armando Gameleira. “Globalização e desafios à Comunhão Anglicana na América Latina e no Caribe”. In: Revista Inclusividade, ano VI, nº. 14, p. 142, 2007.

²⁸ KRISCHKE, Egmont Machado. “Crise e Renovação”. Porto Alegre: Ecclesia, p. 58, s/d.

²⁹ MARASCHIN, Jaci. *Op. Cit.* p. 65.

³⁰ D. Egmont Krischke considerava que a “renovação litúrgico-missionária” seria possível somente a partir das bases, em termos paroquiais. Cada congregação consciente de sua missão testemunha dentro do contexto comunitário e social em que está inserida. cf. KRISCHKE, Egmont Machado. *Op. Cit.* p. 66.

precipitações e erros cometidos por nossos pioneiros, por mais santos e piedosos que tenham sido. A Missão é de toda a Igreja, e por ser assim, toda ela expressará em sua forma de adoração, sua expressão de louvor mais local/autóctone possível. Por isso podemos compreender o pensamento de D. Sebastião que disse: “[...] a comunidade de fé é instrumento e veículo da graça. É isso o que se quer dizer quando se fala de **‘sacramentalidade’ da Igreja.**”³¹ A Igreja é o sacramento do corpo de Cristo encarnado hoje e para todas as pessoas. Nela Cristo é revelado por seu amor e misericórdia para com toda a humanidade. E por ela, somos conhecidos como membros de um todo orgânico que é a Igreja Universal (militante e triunfante) de Cristo, que adora incessantemente, numa liturgia escatológica descrita por S. João no Apocalipse.

Referências Bibliográficas:

CHUPUNGCO, Anscar J. “Liturgias do Futuro”. São Paulo: Paulinas, 1992.

‘Conclusiones, desafíos y recomendaciones generales’. In: “La Globalización y sus implicaciones en América Latina: Un desafío para la Iglesia Episcopal Anglicana”. Panamá: CETALC, p. 225ss., 2005.

‘Documento de Londrina’. In: Revista Inclusividade, nº. 9, ano III, p. 90, 2004.

‘Elaboração do Livro de Oração Inglês’. Porto Alegre: SETEK, apostila, 1994.

ETERIA. ‘Peregrinação aos Santos Lugares’. In. “Textos Eucarísticos Primitivos”. Madri: La editorial Católica. p. 698, 1952.

ILLARZE, Enrique. ‘As funções litúrgicas das ordens sagradas ao longo da história’. In: “Revista Inclusividade”, ano III, nº. 9, 2004.

KRISCHKE, Egmont Machado. “Crise e Renovação”. Porto Alegre: Ecclesia, p. 77, s/d.

MARASCHIN, Jaci. ‘A Renovação da liturgia na América Latina’. In: “Beleza da Santidade”. São Paulo: ASTE, cap. 2, 1996.

MITCHELL, Leonel L. ‘Liturgy and Theology’. In: “A New Conversation (Essays on the future of theology and the Episcopal Church)”. New York: Church, 1999.

SANTOS, D. G. Vergara dos. “Culto e Cultura”. In: “Simpósio”. São Paulo: ASTE, nº. 11, 1973.

SENN, Frank C. “New Creation (a liturgical worldview)”. Minneapolis: Fortress Press, 2000.

SHANDS, Alfred. “The Liturgical Movement and the Local Church”. New York: Morehouse-Barlow Co. 1966.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. ‘Globalização e desafios à Comunhão Anglicana na América Latina e no Caribe’. In: “Revista Inclusividade”, ano VI, nº. 14, 2007.

_____. “Preciosas Lições (meditação sobre o Livro de Oração Comum)”. Recife: SAET, 2000.

SILVA, Francisco de Assis da. ‘Evolução dos Livros de Oração Comum’. In: “Revista Reflexões”. Porto Alegre: Centro de Estudos Anglicanos, nº. 6, 1990.

TAKATSU, Sumiu. “Breve História da Liturgia Anglicana (de 1549 a 1995)”. São Paulo: IAET, 2000.

³¹ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. ‘Preciosas Lições (meditação sobre o Livro de Oração Comum)’. Recife: SAET, 2000.

'Resoluções da Conferência de Lambeth 1998'. In: "Reflexões", Porto Alegre: IEAB/CEA, nº. 08, 2000.

_____. 'Inculturação no Novo Testamento'. In: "Inculturação e Sincretismo". Brasília: CONIC/IEPG, 1995.